

Handebol: desenvolvimento humano e a faixa etária adequada para a iniciação na modalidade

Jorge Dorfman Knijnik^{1*}

¹ Autor na Fair Play Publishing

* Autor correspondente: J.Knijnik@westernsydney.edu.au

Resumo

A iniciação esportiva é ainda hoje um tema muito controverso entre os especialistas e professores da área de Esportes e Educação Física, os quais sempre se questionam sobre a idade ideal para que as crianças iniciem o aprendizado dos esportes que fazem parte da cultura de suas sociedades. Este trabalho, ao analisar a natureza do jogo de handebol e ao discorrer sobre o desenvolvimento sequencial dos diversos domínios do comportamento humano, relaciona ambos os fatores e indica uma faixa etária ideal para a iniciação à modalidade, entre 8 e 11 anos, na qual a criança já apresenta as características de desenvolvimento exigidas pela modalidade.

Palavras-chave: Handebol, Prontidão, Iniciação Esportiva, Desenvolvimento Humano.

Handball: human development and the appropriate age group for initiation in the sport

Abstract

Sports initiation is still a very controversial topic among specialists and teachers in the field of Sports and Physical Education, who always question themselves about the ideal age for children to be involved with the sports that are part of the culture of their societies. By analyzing the nature of the handball game, and discussing the sequential development of the different domains of human behavior, the present manuscript relates both factors and indicates the ages between 8 and 11 as ideal for sports initiation, considering that the child already has the developmental characteristics required by the modality.

Key-words: Handball, Readiness, Sports Initiation, Human Development.

Introdução

A iniciação esportiva é um assunto que sempre mobilizou a atenção e os estudos dos especialistas e professores das áreas de Esporte e Educação Física. São inúmeros os

debates acirrados envolvendo temas como: especialização precoce no esporte competitivo, especialização genérica em cada modalidade, ampliação do acervo motor, excessivas cargas de exercício físico que poderiam comprometer o rendimento futuro, entre outras temáticas essenciais para a área.

Porém, quando nos propomos a refletir sobre a “idade ideal” que uma criança ou mesmo um adolescente estaria preparado para iniciar uma atividade, seja qual for a natureza desta - artística, física, intelectual - nos deparamos com a seguinte questão: o que significa estar pronto para exercer tal ou qual atividade? Como podemos descobrir que alguém já possui as condições básicas - no sentido do crescimento, maturação e desenvolvimento humano - para o exercício desta ou daquela ação?

Neste trabalho, procuramos abordar qual seria a idade ideal para a iniciação ao jogo de handebol. Atividade coletiva, fácil de ser jogada (os pré-requisitos básicos para a iniciação no handebol são realmente simples em termos psicomotores e até materiais), o jogo de handebol sempre conquistou muitos adeptos nas escolas e nas aulas de Educação Física, e mesmo nas Escolas de Esportes em clubes e associações sociais e desportivas. Contudo, quando seria o momento ideal para introduzirmos as crianças a este jogo? Quando elas estariam realmente aptas a praticar esta modalidade?

Neste trabalho, apresentamos uma reflexão sobre estas questões, sobretudo relacionando a natureza da própria atividade - o handebol - com as características básicas do desenvolvimento global do ser humano (KNIJNIK, 2009). Não serão abordados pontos relativos ao crescimento humano, conforme definido por Gallahue, Ozmun e Goodway (2005) como processo de aumento nas estruturas corporais efetuado pela multiplicação das células, tampouco relativos às questões da maturação humana, a qual, ainda segundo Tourinho e Tourinho (1998), aquelas transformações qualitativas que capacitam o organismo a progredir para níveis maiores de funcionamento e que é, numa perspectiva biológica, fundamentalmente inata, e geneticamente determinada, sendo resistentes à influência do meio ambiente.

Revisão de literatura e discussão

Prontidão

Conforme Malina (1986), o conceito de prontidão é muito utilizado em diversos contextos de aprendizagem escolar, como a leitura, por exemplo. Em que momento da vida uma determinada criança está apta a iniciar a alfabetização e a suportar com êxito as suas demandas? Segundo Malina (1986) “[...]esta mesma pergunta deve ser feita em relação ao esporte [...]. O jovem está preparado para as demandas do esporte [...]?”

Em outras palavras, a criança estaria pronta para encarar o desafio de aprender novas habilidades esportivas? É exatamente neste ponto que precisamos discutir o conceito de *prontidão para o esporte*.

Recorrendo novamente a Malina (1986) temos que “[...] a prontidão para o esporte infantil (...) pode ser definida como uma correspondência entre o *nível de crescimento, maturidade e desenvolvimento da criança, e a demanda da tarefa apresentada pelo esporte [...]*” (MALINA, 1986 - grifo nosso). Ou seja, devemos avaliar todo o crescimento, a maturação e o desenvolvimento da criança, e *vinculá-los efetivamente com a natureza da atividade esportiva em questão*. Isto é, para indicarmos a idade ideal para a iniciação esportiva a uma determinada modalidade, devemos analisar par e passo o desenvolvimento da criança e as habilidades psicomotoras, cognitivas e socioafetivas requeridas pelo esporte almejado.

Os domínios das condutas humanas

Toda a atividade executada pelo ser humano o envolve em todos os seus aspectos, ou em todos os seus domínios de conduta. Seja lendo, amando alguém ou jogando handebol, o homem sempre está utilizando-se do seu ser como um todo, nos domínios cognitivo, socioafetivo e psicomotor. De acordo com Tani et al. (1988), a classificação em domínios de comportamento “[...] é uma conveniência, visto que o problema é essencialmente de predominância de um destes domínios sobre outros, sem que sejam mutuamente exclusivos”. (TANI et al., 1988). Na verdade, em cada uma das atividades acima citadas, um dos domínios se sobressai mais, prevalece sobre os outros. Porém, estes estão sempre interagindo, há inúmeras relações entre eles, as quais culminam nas ações humanas.

Assim, o jogo de handebol, enquanto atividade humana, também é passível de uma classificação relativa aos domínios do comportamento humano; aliás, esta classificação se faz absolutamente necessária, pois, conforme já mencionado acima, para indicarmos uma modalidade esportiva para determinado grupo etário de crianças, devemos também analisar as características, a natureza desta atividade. Afinal, em relação aos domínios do comportamento humano, que jogo é este?

A natureza do jogo de handebol

Sendo um jogo esportivo, o handebol é uma atividade predominantemente motora. Porém, os outros domínios do comportamento humano têm um papel muito importante para a efetivação do jogo. Vejamos, pois, as principais características do jogo face a cada domínio:

- a) Domínio psicomotor: O handebol é um jogo de habilidades combinadas, um jogo no qual os padrões básicos de movimento (GALLAHUE, 1982) se combinam para a execução de suas principais habilidades.
- b) Domínio socioafetivo: O handebol é obviamente um jogo coletivo, no qual a necessidade do outro, do companheiro de equipe para suplantar o adversário, (BAYER, 1974) ou para simplesmente conseguir jogar, é absolutamente necessária.
- c) Domínio cognitivo: O handebol é um jogo de regras, totalmente limitado por estas, regras uniformes e internacionais, publicadas em livro e definidas independentemente da vontade dos jogadores (BAYER, 1983; DIETRICH, 1984).

Desta forma, considerando-se que o jogo de handebol é, em sua essência, um jogo de habilidades combinadas, coletivo e de regras, podemos agora nos perguntar: em qual idade uma criança possui a prontidão necessária para realizar uma atividade com tais características?

Desenvolvimento humano: aspectos psicomotores, cognitivos e sócio-afetivos

Segundo Tani, Teixeira e Ferraz (1994),

“evidências têm sido acumuladas reforçando o conceito de que o desenvolvimento da criança nos seus diferentes aspectos é um processo ordenado e sequencial. Embora existam diferenças individuais na velocidade em que as várias etapas de desenvolvimento são vencidas(...), há uma progressão normal que se observa na maioria das crianças ditas normais” (TANI, TEIXEIRA e FERRAZ, 1994).

Assim, cientistas que se preocuparam com a questão do desenvolvimento humano elaboraram modelos, nos diversos domínios do comportamento, identificando fases pelas quais o ser humano passa neste processo. Desta maneira, através do estudo dos pontos centrais de algumas das principais teorias do desenvolvimento do ser humano em seus três domínios, temos condições de esclarecer qual seria a faixa etária indicada para a iniciação à modalidade em questão.

Domínio psicomotor

Conforme o modelo de desenvolvimento motor proposto por Gallahue, Ozmun e Goodway (2005), a criança, já na vida intra uterina, apresenta movimentos que a colocam dentro da fase dos movimentos reflexivos, a qual perdura até cerca de um ano de idade. Do nascimento até cerca de dois anos de idade, a criança atravessa um período conhecido como *fase dos movimentos rudimentares*, na qual, além da inibição de alguns reflexos (motivada tanto pela maturação neuronal quanto pelas experiências vivenciadas pelo bebê), ocorrem também, por volta de um ano de idade, os movimentos filogeneticamente determinados, bem como inicia-se o estágio de pré-controle das ações motoras. O momento posterior é conhecido como *fase dos movimentos fundamentais*, e perdura dos dois aos sete anos de idade. É nesta fase que a criança desenvolve os *padrões fundamentais de movimento* (saltar, receber, quicar, rolar, correr, arremessar, chutar, entre tantos outros); esta fase dos movimentos fundamentais (também conhecida como fase dos padrões fundamentais de movimento) é subdivida em três estágios: o estágio inicial, que dura dos dois aos três anos e é marcado pelas primeiras tentativas da criança em executar movimentos fundamentais orientados para objetivos; o estágio seguinte, que vai dos três a cerca de cinco anos, é denominado como estágio elementar, o qual envolve um controle melhor e uma maior coordenação rítmica dos movimentos fundamentais, apesar destes ainda serem restritos ou exagerados. O último estágio desta fase é denominado de estágio maduro, inicia - se aos seis anos de idade, indo até os sete, e é caracterizado por execuções eficientes em termos mecânicos, bem coordenadas e controladas. A fase dos movimentos fundamentais é a base sobre a qual as fases seguintes de desenvolvimento motor serão sustentadas. Conforme Tani et al. (1988)

a aquisição destes padrões fundamentais de movimento é de vital importância para o domínio das habilidades motoras. (...). Não é pequeno o número de indivíduos que não atingem o padrão maduro nas habilidades básicas, (...) o que prejudicará todo o desenvolvimento posterior (TANI et al., 1988).

Adquiridos e amadurecidos os padrões básicos de movimento (o que ocorre, conforme o modelo de Gallahue, Ozmun e Goodway (2005) por volta de 07 anos), a criança passa para a *fase dos movimentos determinados culturalmente* (aqueles vinculados às formas culturais esportivas, ou da dança, lutas, etc.), a qual também é dividida em estágios: o primeiro deles é o estágio geral ou de transição, em que a criança começa a combinar os movimentos fundamentais que adquiriu na fase diretamente anterior, e que perdura dos sete aos dez anos; em seguida, temos o estágio específico, que abrange idades entre onze e treze anos, quando a criança e o púbere, através de seus interesses próprios e particulares, começam a refinar as habilidades daquelas atividades que lhe são mais prazerosas, no sentido de empregá-las em performances mais avançadas dentro das formas culturais de movimento que escolheu para se habilitar.

Finalmente, a partir dos catorze anos, o ser humano adentra no estágio especializado, o qual representa o cume do processo de desenvolvimento, sendo caracterizado pela escolha de um número limitado de atividades nas quais o indivíduo tentará chegar a sua performance máxima.

Antes de discorrermos sobre os demais domínios do ser humano, cabe ressaltar que o modelo teórico acima descrito, e elaborado por Gallahue (1982), se propõe a uma generalização, aliás como todo modelo. Assim, os limites e as idades nele contidos são referenciais que contemplam uma gama enorme de variações. Também é preciso destacar que todo este processo de desenvolvimento motor, tem uma profunda ligação com as condições ambientais que o indivíduo está exposto. Crianças com boas oportunidades de vivenciarem movimentos terão maiores condições de se desenvolverem em direção às fases mais avançadas. Neste sentido, “(...) a Educação Física adquire um papel importantíssimo à medida que ela pode estruturar o ambiente adequado para a criança, oferecendo experiências, resultando numa grande auxiliar e promotora do desenvolvimento” (TANI et al., 1988). Ou seja, caso não sejam contempladas condições mínimas favoráveis ao seu aprimoramento, o desenvolvimento motor poderá ser bastante prejudicado.

Domínio cognitivo

Piaget e Inhelder (1968) realizou um trabalho de categorização do domínio cognitivo, descrevendo as diversas fases pelas quais o ser humano passa durante o processo de desenvolvimento cognitivo no sentido de chegar à última destas formas, a fase das operações formais. Segundo Rappaport (1981) as estruturas de cada fase identificada pelo pesquisador vão se sobrepondo às outras, sendo que as características anteriores ficam mantidas, determinando assim uma imensa variedade de padrões de comportamento e adaptação na vida adulta.

A primeira fase da inteligência identificada por Piaget e Inhelder (1968) é a fase sensório-motora, que vai do nascimento aos dois anos de idade, e na qual há uma evolução dos comportamentos reflexos para um comportamento intencional (esquemas de ação), o qual a principal atividade é o jogo de exercício, a repetição de um mesmo gesto para demonstrar a capacidade de realização. Ao final deste período, a criança ainda se apresenta bastante egocêntrica em seu entendimento da realidade (RAPPAPORT, 1981). Após esta fase, a criança de dois a sete anos se encontra na fase ou período pré-operacional (ou simbólico, ou pré-operatório). A criança continua percebendo o mundo a partir de si mesma, “[...] a criança não concebe um mundo, uma situação da qual não faça parte [...]” (RAPPAPORT, 1981); nesta fase ocorre a aquisição da linguagem, a internalização da fala e desenvolvimento da capacidade de representar através de símbolos (dar significado aos objetos e situações). Nesta etapa, o jogo simbólico (a representação e dramatização de objetos, pessoas, animais, situações) é uma das atividades preferidas.

A partir dos sete anos, até por volta dos dez ou onze anos (RAPPAPORT, 1981) a criança entra na fase das operações concretas, a qual é configurada “[...] por um marcante declínio do egocentrismo intelectual e um crescente incremento do pensamento lógico” (RAPPAPORT, 1981); ocorre um maior amadurecimento da reversibilidade (capacidade de recompor as etapas de um raciocínio); a inteligência permanece presa ao real, mas a criança já executa as primeiras operações lógicas - seriação, classificação - a nível mental, sem usar processos físicos. Além disso, a criança já compreende regras explícitas, tanto que os jogos de regras já podem ser introduzidos; nesta fase também ocorre um processo intenso de socialização, marcando o fim do egocentrismo exacerbado das fases anteriores. Por fim, este processo de desenvolvimento chega ao seu ápice com o período das

operações formais, dos doze anos de idade em diante, o qual é marcado pelo desenvolvimento do pensamento lógico matemático e da capacidade de abstrair a realidade e formular hipóteses; aqui, aparecem os esportes organizados.

Do mesmo modo que o desenvolvimento psicomotor, para o desenvolvimento cognitivo ser satisfatório e completo, as condições ambientais - desde a alimentação aos estímulos externos - são de vital importância para que o ser humano alcance a sua plenitude nesta área.

Domínio socioafetivo

Neste âmbito do ser humano, Freud realizou um trabalho notável, desenhando também uma série de fases de desenvolvimento emocional as quais o ser humano atravessa. A primeira das fases por ele identificadas é a fase oral, no primeiro ano de vida, a qual é marcada por um prazer oral que se estabelece em paralelo e em separado do prazer alimentar. “Este vínculo inicial de prazer em si [...] constituirá a base das futuras ligações afetivas” (RAPPAPORT, 1981).

A seguir, dos dois aos três anos de idade, inicia - se a fase anal, na qual a libido passa a organizar - se sobre a zona erógena anal. “A fantasia básica será ligada aos primeiros produtos, notadamente ao valor simbólico das fezes” (RAPPAPORT, 1981).

A partir dos três anos de idade, a libido inicia nova organização que vai desembocar numa erotização dirigida aos órgãos genitais; é a fase fálica, na qual se organizam os modelos básicos de relação homem/mulher, e quando ocorre o conflito central da organização afetiva segundo o modelo freudiano, o complexo de Édipo ou o complexo Nuclear (RAPPAPORT, 1981). Com a repressão do Édipo, o que ocorre na verdade, segundo Freud, não é propriamente uma fase, mas um período de latência, no qual a energia da libido fica temporariamente deslocada dos seus objetivos sexuais. A energia sexual neste período, que se inicia aos cinco anos e dura até a puberdade, é sublimada e canalizada para o desenvolvimento social. “Este é um período intermediário entre a sexualidade infantil [...] e a adulta [...]. Enquanto a sexualidade permanece dormente, as grandes conquistas da etapa situar-se-ão nas realizações intelectuais e na socialização.” (RAPPAPORT, 1981). Por fim, a partir da adolescência, o ser humano entra na fase genital, marcada pelas realizações no campo do trabalho e do amor.

Tendo sido colocadas as linhas gerais do desenvolvimento humano nos três domínios do comportamento - psicomotor, cognitivo e socioafetivo - nos cabe agora relacioná-los à iniciação esportiva no handebol. Afinal, em quais destas diversas fases o ser humano já é capaz de realizar uma atividade com as características do handebol? Ou seja, quando o ser humano, no seu processo de desenvolvimento global, já pode praticar um jogo coletivo, de habilidades combinadas e de regras?

Considerações Finais

A partir das considerações tecidas anteriormente sobre a natureza do jogo de handebol, e sobre o desenvolvimento sequencial dos domínios do comportamento humano, é possível definirmos uma faixa etária na qual a iniciação à modalidade possa ser feita de forma adequada. Considerando a essência, a natureza mesma do jogo de handebol, isto é, um jogo de regras, coletivo e cujas ações motoras são compostas por habilidades combinadas, e levando-se em conta as fases de desenvolvimento do ser humano em cada um de seus domínios (cognitivo, psicomotor e socioafetivo), podemos afirmar que a faixa etária ideal para a iniciação ao handebol está entre 8 e 11 anos (KNIJNIK, 2009).

Nesta faixa etária, em termos cognitivos, a criança está no período operatório concreto, e já começa a compreender as regras e fazer as primeiras operações lógicas (seriação, classificação), podendo assim perfeitamente iniciar a praticar jogos regrados institucionalmente. Por sua vez, no domínio psicomotor, a criança já está deixando a fase dos padrões fundamentais de movimento, e começa a combiná-los, podendo assim iniciar a execução de habilidades que exijam a combinação daqueles padrões. Por fim, é nesta faixa etária em que o processo de sociabilização infantil está intensificado, pois a criança encontra-se em pleno período de latência e o egocentrismo característico das fases anteriores perde força, permitindo que ela participe de jogos e atividades coletivas. Assim, levando-se em consideração a natureza da atividade, e confrontando-a com os três domínios do ser humano, percebemos que a faixa etária adequada para a iniciação ao jogo (respeitando-se sempre o diferente estágio de prontidão em cada um destes domínios para cada criança) está entre 08 e 11 anos.

Note-se que, apesar de Gallahue (1982) e Piaget e Inhelder (1968) já admitirem respectivamente a entrada da criança na fase dos movimentos combinados e na fase

operatória concreta aos sete anos, e mesmo que FREUD tenha apontado o início do período de latência aos cinco anos, a idade inicial sugerida aqui é a de oito anos. Isto justifica-se, primeiramente, pela maleabilidade daquelas fronteiras colocadas pelos dois primeiros cientistas e, sobretudo, porque, em termos psicomotores, muitas vezes o amadurecimento dos padrões fundamentais se dá entre os sete e os oito anos. Já a nível emocional, a criança aos oito anos ainda encontra-se plenamente imersa na fase de socialização intensa, facilitando assim o aprendizado de jogos coletivos.

Por fim, cabe salientar que este manuscrito preconiza e destaca que a iniciação ao handebol deve dar-se na faixa etária dos oito aos onze anos. Isto não significa dizer que o treinamento especializante deva começar nesta idade. Como iniciação, pretendemos que a criança tenha diversos aspectos adaptados para a prática, tais como materiais adequados, bolas menores, quadras e traves específicas para o seu tamanho, regras facilitadas, enfim, todo um conjunto de ações e preocupações pedagógicas pertinentes ao processo de iniciação esportiva. Neste quadro de iniciação, a competição, se existir, deve ser um complemento e uma extensão do processo de aprendizagem das aulas e treinos, jamais um fim em si mesmo.

Referências

- BAYER, C. **Hand-ball et psychomotricité**. Paris: ESF, 1983.
- BAYER, C. **La pratique du hand - ball et son approche psycho -sociale**. Paris: J.Vrin, 1974.
- DIETRICH, K. **Os grandes jogos: metodologia e prática**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.
- GALLAHUE, D. L. - **Understanding motor development in children**. New York: John Wiley and sons, 1982.
- GALLAHUE, D.L.; OZMUN, J.C.; GOODWAY, J.D. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. AMGH Editora, 2005.
- KNIJNIK, J.D. **Handebol**. São Paulo: Odysseus Editora, 2009.
- MALINA, R. Readness for competitive youth sport. In: WEISS, M.P.; GOULD, D. (Eds). **Sport for children and youth**. Champaign: Human Kinetics, pp 45 – 50, 1986.
- PIAGET, J.; INHELDER, B. - **A psicologia da criança**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.
- RAPPAPORT, C. **Psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: EPU, 1981.



BRASIL

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE HANDEBOL

Filiada à International Handball Federation
Confederación Sur Centro Americano de Balonmano
Comitê Olímpico do Brasil

47

TANI, G; MANOEL, E.; KOKUBUN, E.; PROENÇA, J. E. - **Educação Física Escolar: uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1988.

TANI, G.; TEIXEIRA, L.; FERRAZ, O. Competição no esporte e educação física escolar. In: CONCEIÇÃO, J.A.N. (Coord). **Saúde escolar: a criança, a vida, a escola**. São Paulo: Sarvier, 1994.

TOURINHO, H.T.F; TOURINHO, L.S.P.R. Crianças, adolescentes e atividade física: aspectos maturacionais e funcionais. **Revista Paulista de Educação Física**, vol. 12, n. 1, pp.71-84, 1998.